



A Liga Internacional pela Educação Nova e o “movimento de reconstrução educacional” brasileiro*

***(The New Education Fellowship and the movement for educational
reconstruction in Brazil)***

*Marta Maria CHAGAS DE CARVALHO
Univ. de São Paulo*

RESUMO: Este artigo investiga o papel da *Ligue internationale pour l'Éducation Nouvelle* (LIEN) na difusão de iniciativas, preceitos e princípios incorporados pelo movimento de renovação educacional brasileiro. Ele se propõe a rastrear contatos de dois dos três principais integrantes desse movimento e membros da Liga, no período 1924-1932, articulando-se em torno de uma questão central: teriam esses contatos funcionado como canais de circulação de ideias e informações, fornecendo modelos de algum modo incorporados no programa de reconstrução educacional expresso no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova? Para tanto privilegiaremos as relações de dois dos principais signatários desse Manifesto, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, com membros da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle*, particularmente do Grupo Francês de Educação Nova (GFEN), órgão da Liga.

PALAVRAS CHAVE: Grupo Francês de Educação Nova; Movimento brasileiro pela escola nova; apropriações culturais; redes de relações.

ABSTRACT: The article examines the role of the New Education Fellowship in promoting the principles and activities of the Brazilian movement for educational reconstruction. The study explores the relations between two of the three most important representatives of the movement and members of the Fellowship in the period 1924-1932, to assess their role in the circulation of ideas, information and models for the programme of educational reconstruction articulated in the New Education Pioneers Declaration. The analysis focuses on the relations of two of the main signatories of the manifesto, Fernando de Azevedo and Lourenço Filho, with members of the Fellowship, particularly the French New Education Group.

* Este artigo é uma versão modificada e reduzida de texto anteriormente publicado. Cf. Marta Maria Chagas de Carvalho: "O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova". In *Manifesto dos Pioneiros da Educação. Um legado educacional em debate*, ed. Maria do Carmo Xavier (Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: FGV/FUMEC, 2004)147-182.

KEYWORDS: French New Education Group; Brazilian New School movement; cultural appropriation; networks of relations.

Nos estudos historiográficos sobre a escola nova no Brasil, a presença de matrizes norte-americanas vem sendo recorrentemente registrada. O mesmo não ocorre com relação ao movimento europeu. Até muito recentemente, tem sido ignorado nesses estudos o papel da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle (LIEN)* na difusão das iniciativas, preceitos e princípios apropriados pelo movimento de renovação educacional brasileiro. Este artigo propõe-se a preencher parcialmente essa lacuna, privilegiando o rastreamento dos contatos entre dois dos três principais integrantes desse movimento e membros da *Liga*, especialmente dos integrantes do *Grupo Francês de Educação Nova*, no período 1924–1932. O artigo se articula em torno de uma questão central: teriam esses contatos funcionado como canais de circulação de ideias e de informações, fornecendo modelos de algum modo incorporados no programa de reconstrução educacional expresso no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova? Para tanto, privilegiaremos as relações de dois dos principais signatários desse Manifesto, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, com membros da Liga Internacional pela Educação Nova.

Assinado por um grupo de educadores brasileiros que se notabilizou no país como espécie de vanguarda do movimento pela escola nova, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932, e dirigido ao “povo e ao governo” brasileiros, é um marco na história da educação brasileira². Sua grande novidade foi, sem dúvida, o seu impacto na redefinição do campo dos debates educacionais que vinham sendo travados no país, na década anterior. Propondo uma *nova política de educação* destinada a superar a dualidade estrutural do sistema educacional brasileiro, a tônica do Manifesto foi a defesa de uma *escola única, pública, leiga e gratuita*. Não é essa tônica, entretanto, que o título dado ao Manifesto põe em evidência. Recorrendo à expressão “pioneiros da educação nova” para designar a autoria do documento, os seus autores destacam a sua novidade e, de algum modo, proclamam a sua relação com o movimento europeu que, sob o impacto da Guerra de 1914-1918, propagava a chamada *pedagogia da educação nova*. Cabe assim perguntar: os signatários do Manifesto estariam de algum modo proclamando a sua adesão a alguns dos princípios norteadores do referido movimento? É possível falar em algum tipo de vinculação entre o programa político-pedagógico de “reconstrução educacional no Brasil” lançado no Manifesto e setores do movimento da Liga Internacional pela Escola Nova?

² Fernando de Azevedo *et alii*. *A Reconstrução Educacional no Brasil. Ao povo e ao governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932). O Manifesto foi articulado a partir da realização da IV Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE) e realizada em dezembro de 1931. A ABE foi fundada no Rio de Janeiro em 1924 por um grupo de intelectuais e teve importância fundamental na articulação do chamado movimento de renovação educacional brasileiro. O lançamento do Manifesto marca uma cisão no movimento e seus signatários acabam por obter o controle da entidade. Ver, a respeito Marta Maria Chagas de Carvalho. *Molde Nacional e Forma Cívica. Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação 1924-1932* (Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 1998).

Notícias do Brasil nas páginas da revista *Pour L'Ère Nouvelle*

Sem dúvida, os mais importantes registros da revista *Pour L'Ère Nouvelle*, órgão francófono da Liga, sobre o movimento educacional brasileiro são os que constam do seu número 67, publicado em abril de 1931. Nesse número, estão reunidos três textos sobre o Brasil, entre eles uma matéria de Ferrière, que abre a primeira página do periódico e um texto de Fernando de Azevedo sobre a Reforma no Distrito Federal.

Outros registros das iniciativas de renovação escolar brasileiras já haviam ocupado as páginas da revista, como resenhas de alguns livros de educadores ligados ao movimento de renovação educacional. No número 10, de abril de 1924, matéria assinada por Ferrière sobre os avanços do movimento em favor da Educação Nova anunciava que, na América do Sul, o movimento se expandia cada vez mais e registrava o recebimento de uma carta de Carneiro Leão, então Diretor Geral da Instrução Pública no Rio, transmitindo-lhe o apoio entusiasta do professorado brasileiro³. Em 1927, o número 31 da revista, resumindo os trabalhos apresentados no Congresso de Locarno, registrava a exibição de filme sobre as realizações da Diretoria Geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro sob a gestão Carneiro Leão, "O ensino público no Rio de Janeiro", apresentado por Mme. Laura Lacombe⁴.

Mas o tratamento dado a iniciativas brasileiras, especialmente à Reforma Fernando de Azevedo, pelo número de abril de 1931, teve maior destaque. A *Revista* não somente reserva a sua primeira página para artigo de Ferrière, com o título "*L'Éducation nouvelle au Brésil*", dando realce à Reforma Fernando de Azevedo, como publica, em seguida, texto de Azevedo extraído da Introdução que acompanhou os programas para a escola primária baixados pela referida Reforma⁵. No artigo de Ferrière, esta é descrita como iniciativa que teria feito com que o país, a seu ver até então um dos mais atrasados do mundo do ponto de vista pedagógico, passasse a "rivalizar com o Chile e o México, na América, com Viena, na Europa, e com a Turquia, na Ásia". Aos olhos de Ferrière, a Reforma se destacava por ter-se implantado a partir de "um verdadeiro código escolar, compreendendo, coordenando e articulando com uma lógica vigorosa, todos os aspectos técnicos, econômicos, administrativos, disciplinares, morais e sociais do ensino desde o jardim da infância até a escola técnica e profissional...". A apreciação de Ferrière coincide com a do reformador, reproduzindo textualmente trecho de autoria de Azevedo em que são firmados os três princípios norteadores da Reforma: a "escola única", a "escola

³ Adolphe Ferrière, "Progrès actuels du Mouvement en faveur de l'Éducation nouvelle." *Pour l'Ère Nouvelle* 10 (1924): 23.

⁴ Noticiário, "Congrès de Locarno", *Pour l'Ère Nouvelle* 31 (1927): 218-219. A revista apresenta um resumo de duas páginas do filme, que havia sido estruturado em três partes: *A saúde na escola*; *O ensino na escola* e *A ação social na escola*. Registre-se que Laura Lacombe, proprietária do Instituto Jacobina, no Rio de Janeiro, era então membro atuante da Associação Brasileira de Educação. Registre-se ainda que Carneiro Leão foi também membro fundador da ABE.

⁵ Adolphe Ferrière, "*L'Éducation nouvelle au Brésil*"; Fernando de Azevedo "*École Nouvelle et la réforme. Introduction aux programmes des écoles primaires du Brésil*"; Deodato de Moraes, "*L'école active brésilienne d'Espírito Santo*", *Pour l'Ère Nouvelle* 67 (1931): 85-99.

do trabalho” e a “escola comunidade”. Apresentando-os, conclui: “Assim é esta lei, certamente uma das mais notáveis de nosso tempo”⁶.

Os registros de Ferrière sobre o Brasil inscrevem-se na revista segundo o padrão do relato de impressões de viagem cujo objetivo era conhecer para divulgar as iniciativas de renovação escolar. Desde 1929, enquanto Beatriz Ensor viajava aos Estados Unidos, Ferrière empreendia uma longa excursão pela América Latina, e a revista *Pour l'Ère Nouvelle* ia publicando seus artigos sobre os países visitados. Quando chega ao Brasil, a Revolução de 1930 acaba de eclodir e Ferrière não pode desembarcar. É ele quem informa que, não lhe tendo sido possível descer no Rio, pôde ler, a bordo do navio ancorado no porto, inúmeras revistas brasileiras. E que, por isso, limitava-se a contar o que lia. Comentando a insólita situação, Ferrière finalizava o seu artigo, contando que redigia em alto mar, na costa brasileira, lastimando que o programa que traçara três meses antes e que deveria, em um mês, conduzi-lo a cinco cidades do Sul e do Centro do país, havia sido sabotado pela Revolução que eclodira no Rio Grande do Sul. No Rio, ele seria recebido pelo Ministério das Relações Exteriores. Mas essa recepção não ocorreu e Ferrière teve que se contentar com a leitura dos materiais impressos que lhe chegaram às mãos. Referindo-se à situação, lastimava a deplorável recepção: ninguém viera recepcioná-lo a bordo; suas mensagens por avião haviam sido interceptadas. Recorrendo ao telefone, obtém resposta: “Reembarcai, a Revolução vai eclodir aqui.” No dia seguinte, recebe por rádio, no navio, a confirmação de que o governo havia sido deposto. Comenta: estava-se sujeito a esse tipo de coisa sempre que se viajasse pelas Américas. Assim era que havia tido tempo de ler muitas revistas sobre a educação nova no Brasil e de contar o que havia lido.

As revistas que Ferrière tem à mão são os números 1, 2 e 3 do *Boletim de Educação Pública*, publicados em 1930 pela Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal; e o número 5, de novembro de 1929, da *Revista Brasileira de Educação*, periódico que se apresenta como “publicação mensal dedicada à Instrução no Brasil”, dirigida por José Augusto Bezerra de Menezes, político envolvido com muitas iniciativas no campo educacional, entre elas a fundação da *Associação Brasileira de Educação* em 1924 e a da *Federação Nacional das Sociedades de Educação*. Dessas revistas, Ferrière retirou as informações de que se valeu para creditar à Reforma Fernando de Azevedo um papel ímpar no movimento de renovação educacional brasileiro: a partir da capital do país, ela iria propagar-se para os outros Estados da Federação, “tal era o seu alcance e de tal modo se impunha a sua lógica imanente e o seu valor social”. Mais do que um regulamento impresso e aprovado pelas autoridades, a Reforma ganhara a aprovação entusiástica do corpo docente. Os professores teriam encontrado o seu Mestre, “o chefe ideal que deve conduzi-los ao sucesso, e com eles, as crianças, a própria nação”.⁷

⁶ Adolphe Ferrière, *ibidem*.

⁷ Adolphe Ferrière. “L'Éducation nouvelle au Brésil”. *Pour l'Ère Nouvelle* 67(1931): 85.

Não é entretanto, somente a Reforma Fernando de Azevedo que merece a atenção de Ferrière. Sempre baseado nas publicações que tem em mãos, faz o elogio dos renovadores brasileiros, apontando-lhes a "riqueza dos postulados ultramodernos" expressos nas críticas que faziam da escola tradicional. Esses postulados ultra-modernos, Ferrière os encontra nas concepções de Deodato de Moraes sobre escola ativa, expressas em artigo publicado originalmente na *Revista Brasileira de Educação* e reproduzido no mesmo número da revista *Pour l'Ère Nouvelle*. Depois de transcrever longo trecho em que essas concepções se explicitam, Ferrière as avaliza: "Não se poderia dizer melhor! E as consequências que o autor tira desses princípios para criticar a escola tradicional são de uma eloquência tão convincente quanto um teorema de geometria"⁸ Os elogios não se restringem a Deodato de Moraes. O paralelo entre escola nova e escola tradicional, traçado por Mendes Viana em discurso publicado no *Boletim de Educação Pública*, mereceria, a seu juízo, "ser afixado nas escolas de professores de todas as escolas do mundo".⁹

Não é com esse mesmo entusiasmo que a seção de resenhas do mesmo número da revista trata do livro de Lourenço Filho, *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. Reagindo, talvez, contra o modo como o livro ignora a existência da Liga¹⁰, a resenha é lacônica. Concluindo um breve resumo da obra, afirma: "Pode-se recomendar o livro de M. Filho a todos os que desejam ter uma ideia, por meio de um quadro sinótico muito completo das relações existentes entre as numerosas manifestações do movimento em favor das escolas novas"¹¹. A reação da resenha ao livro destoa dos elogios que, em adendo ao artigo "*L'Éducation Nouvelle au Brésil*", Ferrière faz a Lourenço. Neste artigo, depois de ter lastimado a impossibilidade de desembarque no Rio, qualificando o incidente como espécie de bagatela que, nas Américas, um viajante deveria estar preparado para enfrentar, Ferrière ressalva, em adendo: a recente nomeação de Lourenço Filho como diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo desautoriza o receio de um retrocesso no país, já que esse educador era "o mais antigo e o mais competente dos defensores da educação nova no Brasil". Sua nomeação marcaria, para Ferrière, a orientação inequívoca do Brasil em direção à educação moderna.¹²

Não são, entretanto, os efusivos elogios de Ferrière aos acertos dos escolanovistas brasileiros e ao vanguardismo de suas iniciativas que nos interessam aqui. Antes, é preciso identificar, nas entrelinhas de seu texto, indícios das redes de relações pessoais que os tornaram possíveis. Assim, a primeira questão que se impõe diz respeito aos contatos de Ferrière no meio educacional brasileiro, contatos esses capazes de fazer

⁸ Adolphe Ferrière. "L'Éducation nouvelle au Brésil" *Pour l'Ère Nouvelle* 67 (1931): 86.

⁹ *Idem, ibidem*.

¹⁰ A revista *Pour l'Ère Nouvelle* é citada por Lourenço Filho, em nota de rodapé, como fonte de informação sobre as características gerais da escola nova, no tópico 17 da Lição II, de *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. (Manoel Bergström Lourenço Filho, *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930). A revista consta também da Bibliografia que o livro indica. No entanto, em artigo publicado na revista *Educação*, em 1929, Lourenço Filho fala sobre a Liga. Cf. *Manoel Bergström Lourenço Filho, "A 'Escola Nova'". Educação* 8 (1929) 293-301.

¹¹ "Livres". *Pour l'Ère Nouvelle* 67 (1931): 102.

¹² Adolphe Ferrière.. "L'Éducation nouvelle au Brésil", *Pour l'Ère Nouvelle* 67(1931): 90.

chegar às suas mãos as publicações de que se valeu para compor o seu artigo. A primeira observação que se impõe a esse respeito tem também a forma de uma questão: por que essas e não outras publicações, como, por exemplo, a revista *Educação* ou a *Revista do Ensino*?¹³. Poderíamos responder dizendo que, chegado ao Rio, Ferrière teve acesso apenas a publicações editadas no Distrito Federal. Mas, nesse caso, há outra publicação que deveria ter estado em suas mãos: a revista *Schola*, órgão da Associação Brasileira de Educação.. A participação de Laura Lacombe, no Congresso de Locarno, em 1927, e sua viagem à Suíça, onde fez cursos no Institut Jean Jacques Rousseau, exclui a possibilidade de que faltasse a Ferrière uma via de contato com a ABE. Membro muito ativo da Associação Brasileira de Educação, Laura Lacombe havia mesmo atuado como emissária do BIE na Primeira Conferência Nacional de Educação promovida pela ABE, em 1927, apresentando, no evento, uma memória sobre o Bureau que foi lida em Sessão Plenária. A leitura dessa memória teria mesmo ensejado a oportunidade de inúmeras novas adesões à instituição suíça, por intermédio de seu então correspondente brasileiro, Lourenço Filho.¹⁴

É uma informação adicional, extraída de Editorial assinado por Ferrière, que nos pode dar uma pista importante. Nele consta que estavam em andamento contatos com vistas à filiação da Federação Nacional das Sociedades de Educação à Liga. Diz Ferrière: “Quanto ao Brasil, eu pedi a Mme Celina Padilha, secretária geral da Federação Nacional das Sociedades de Educação, que se ocupasse da afiliação desse poderoso agrupamento inovador a nossa Liga”.¹⁵

A *Federação Nacional das Sociedades de Educação* aparece também referida por Ferrière no artigo sobre a educação nova no Brasil publicado no número de abril de 1931. Perguntando-se sobre o impacto efetivo da Reforma Fernando de Azevedo e já de posse da informação de que Azevedo havia sido afastado do cargo de Diretor Geral da Instrução Pública pela Revolução de 1930, Ferrière reafirma sua crença na continuidade do movimento de renovação educacional no Brasil: é que, do entusiasmo do professorado com a Reforma, já teriam surgido alguns frutos. Entre eles, a criação da Federação Nacional das Sociedades de Educação, entidade que congregava cerca de vinte sociedades pedagógicas de diversos Estados do Brasil.

Essa informação de Ferrière leva-nos a perguntar por que, até então, nenhuma sociedade educacional brasileira tinha se vinculado à Liga. Teria sido devido à inexistência de

¹³ A revista *Educação* é órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública e da Sociedade de Educação de São Paulo e a *Revista do Ensino*, da Diretoria Geral da Instrução Pública de Minas Gerais.

¹⁴ O *Boletim* dá notícia da realização da I Conferência Nacional de Educação: “A sessão inaugural foi presidida por autoridades civis, militares e educativas. Dezesete Estados do Brasil estavam representados e o nome dos congressistas chegou a 200”. Depois de nomear essas seções, a notícia destaca a participação de Laura Lacombe, diretora do Colégio Jacobina do Rio de Janeiro, na Conferência, falando da tese que apresentou sobre a educação e a paz e de uma memória do BIE por ela enviada ao evento. Essa memória, lida em Sessão Geral, teria permitido, prossegue a notícia, que “nosso correspondente, Lourenço Filho nos ganhasse numerosas adesões” (*Bulletin du Bureau International d'Éducation* 7, in *Pour l'Ère Nouvelle*. 37 (1928): 91.

¹⁵ Adolphe Ferrière. “Editorial”, *Pour l'ère nouvelle* 64 (1931) :. 2.

uma associação de caráter nacional? No Congresso de Elsenor, foi estabelecido que apenas uma associação por país poderia se filiar à Liga. Até 1932, a Associação Brasileira de Educação (ABE) era, apesar do nome, apenas, estatutariamente, o departamento carioca da entidade. Por outro lado, é também possível supor que o grupo católico que deteve o controle da ABE entre 1929 e 1931 não estivesse, por motivos religiosos, interessado em vincular-se à Liga. No Congresso de Locarno, em 1927, houve mesmo um bispo que proibiu a participação de seus fiéis no evento.

A Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE) é uma referência ausente na memória do movimento educacional brasileiro. Mas é oportuno reconstituir um pouco de sua história, pois, entre 1929 e 1931, ela aglutinou as figuras mais expressivas dos educadores signatários do Manifesto. Fundada por iniciativa de Vicente Licínio Cardoso e presidida por José Augusto, o editor, como se viu, de uma das publicações que chegou às mãos de Ferrière, a FNSE foi fruto de uma dissensão na Associação Brasileira de Educação (ABE). Com a morte de dois dos seus presidentes e de três membros de seu Conselho Diretor em um desastre de avião, em dezembro de 1928, a ABE passou a ser controlada por um grupo de educadores católicos. Tendo consolidado o seu domínio na entidade, esse grupo não via com bons olhos a organização de uma Federação. Outro era o ponto de vista de Vicente Licínio Cardoso, um dos presidentes da ABE, que, em 1928, planejara promovê-la. Inicialmente, ele contara com o apoio de outros dois presidentes, Fernando Labouriau e Tobias Moscoso. Com a morte de ambos, em desastre de aviação, Licínio fica isolado. Mas não abandona o projeto de criar a Federação. Tratava-se, então, de promover a criação dos departamentos estaduais previstos estatutariamente, articulando-os ao departamento carioca. Como presidente da ABE, Vicente Licínio viaja por todo o Brasil, fazendo propaganda da "causa cívico-educacional". Seu projeto era o de fazer do departamento carioca o elo de união entre os outros departamentos, alguns deles formados a partir de sociedades já existentes, como era o caso da Sociedade de Educação paulista, e de outros em processo de criação. Solapado pelo Conselho Diretor da ABE, Licínio é, no entanto, muito bem sucedido em seus *raids* cívicos pelo país, encontrando largo apoio de educadores de vários Estados e sendo mesmo saudado por Anísio Teixeira, em 1930, como o líder e a voz de mais autoridade e de maior prestígio do movimento educacional brasileiro. Entre os apoios recebidos por Licínio, vale destacar o da Sociedade de Educação paulista, que passa a ser a grande promotora da Federação, quando o Conselho Diretor da ABE desautoriza Licínio a falar em seu nome. Aglutinados em torno de Licínio e do projeto da Federação estão alguns dos mais destacados signatários do Manifesto, como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Sampaio Dória, Frota Pessoa e Venâncio Filho.

Os entendimentos com vistas à filiação da Federação à *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* noticiados no número de janeiro de 1931 da revista *Pour L'ère nouvelle* podem ter sido consequência de uma das muitas viagens de Vicente Licínio Cardoso ao Exterior. Dando continuidade aos *raids* cívicos em que percorreu o país de norte a sul, Licínio parte para a Europa em janeiro de 1930, regressando a bordo do Zeppelin, em maio. Na sua partida, em entrevista aos jornais *A Ordem* e *O Jornal*, fala de seu interesse em lá "observar alguma coisa do grande movimento educacional contemporâneo",

afirmando: “Levo, pois, um programa de visitas e paradas forçadas, acreditando poder iniciar, além disto, um contato oportuno entre as associações educacionais europeias e a Federação Nacional das Sociedades de Educação”.¹⁶

Em setembro de 1930, às vésperas da Revolução de Outubro, a Federação realiza, com sucesso, o seu primeiro Congresso. Em julho de 1931, Vicente Licínio Cardoso se suicida, convencido de que havia sido vítima da moléstia de Chagas, contraída em uma de suas viagens pelo interior do Brasil, e descrente das possibilidades de progresso para o país.

O provável contato de Licínio com a Liga no sentido de promover a sua articulação com a FNSE não esgota, entretanto, a rede de relações estabelecida entre alguns dos mais destacados signatários do Manifesto e o movimento internacional capitaneado pela Liga. Como se verá, são mais visíveis as relações estabelecidas por Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, como membros que foram do ‘grupo do Estado’, com os dirigentes do Grupo Francês de Educação Nova.

O “Grupo do Estado” e seus visitantes franceses

Em resenha sobre o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 11 de novembro de 1930, Paul Fauconnet relata que conheceria o autor, Lourenço Filho, três anos antes, por ocasião de um curso que viera ministrar na Escola Normal de São Paulo. Em 1945, João Cruz Costa rememorou o curso, inscrevendo-o no âmbito dos “antigos Cursos de Conferências” que teriam preparado o caminho para a fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo:

Creio que foi a partir de 1922, se não me engano, que tiveram início, ou mais exatamente reinício, as séries anuais de conferências de professores franceses em São Paulo.

Todos os anos, logo nos primeiros dias de setembro, o velho ‘Estado de São Paulo’ anunciava nas ‘notas e informações’ a chegada de um professor da Sorbonne ou do Colégio de França. Na mesma notícia vinha indicado o lugar em que esse professor iria fazer as suas conferências. Em geral os cursos realizavam-se no salão antiquado do Instituto Histórico, no velho auditório da Escola Normal ou no salão do Jardim da Infância. Os seus alunos já se conheciam, já sabiam até quais as cadeiras que cada um ocupava. Não se necessitava de matrícula, não havia taxas nem — o que era mais interessante — essa terrível velharia e caceteação que constitui o que se chama ‘exames’.¹⁷

Cruz Costa era, então, professor catedrático na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e o seu depoimento é peça constitutiva da memória institucional legada pelo grupo que, articulado em torno da figura de Júlio de Mesquita Filho e do jornal *O Estado de São Paulo*, nucleou as iniciativas que conduziram à fundação da Universidade. Cruz Costa diz não ter assistido aos cursos de 1922 e 1923 pelo motivo de ter estado ausente do país, em Paris, assistindo a conferências na Sorbonne,

¹⁶ Vicente Licínio Cardoso. Entrevista, *O Jornal* (1930): 2

¹⁷ João Cruz Costa. “Os Antigos Cursos de Conferências. A contribuição francesa nos primórdios da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”, *Filosofia, Ciências e Letras* 9 (1945): 10.

no Colégio de França e no Museu de História Natural. Recorda que, em 1924, provavelmente devido à Revolução desse ano, os cursos não aconteceram. De 1925 a 1930, os professores visitantes foram, sucessivamente, Piéron, para um curso de Psicologia Experimental, que acabou por ser apenas um curso de "psicologia 'tout court'", dado o estado das "velhas máquinas imprestáveis" do Laboratório de Psicologia Experimental; Dumas, para algumas conferências de Medicina e Literatura no Instituto de Higiene; Fauconnet, "o simpático sociólogo", "discípulo de Durkheim", que deu um curso sobre história do ensino francês, desde a Renascença até o século XIX; o Padre Yves de La Brière, "diretor da revista *Études*", cujas conferências despertaram em Cruz Costa certo estranhamento, causando-lhe a "impressão de que era uma outra França que falava" nas suas conferências; Rivet e Pierre Janet.¹⁸

Os Cursos de Conferências a que se refere Cruz Costa inscreviam-se em programa de cooperação científica cujo suporte institucional foi, na França, o *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique Latine* que teve em George Dumas o seu principal articulador no Brasil. O *Groupement* promoveu visitas de conferencistas franceses a Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.

Tomando como fonte artigo de Patrick Petitjean sobre a missão francesa e a fundação da Universidade de São Paulo, é possível estabelecer a cronologia das iniciativas do *Groupement* no Brasil, mapeando a rede de relações franco-brasileiras que se configurou em torno delas. A primeira viagem de Dumas ao país deu-se em 1908, ocasião em que faz, no Rio de Janeiro, dez conferências sobre psicologia. Desde 1922, o Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, com sede no Rio, recebe conferencistas franceses e Dumas organiza a passagem deles por São Paulo. É no âmbito dessa iniciativa que se dão os cursos de Pierre Janet, George Dumas e Chiray, em 1922; Henri Abraham e Henri Piéron, em 1923; Emile Marchoux e Paul Janet, em 1925. Eram conferências de cultura científica geral dirigidas a uma sociedade "esclarecida", realizadas com estrutura de apoio local frágil. A partir de 1925, com a criação de um Instituto Técnico Franco-Paulista (ITFP), cujo objetivo era difundir a cultura técnica francesa, foram organizadas conferências sobre temas precisos, de escolha paulista, ficando Dumas incumbido da responsabilidade de encontrar o professor adaptado à demanda.¹⁹

É no âmbito dessa iniciativa que, segundo Petitjean, Piéron vem a São Paulo, em 1926, dar na Escola Normal o curso de que se recorda Cruz Costa. No mesmo ano e no âmbito da mesma iniciativa, vieram outros especialistas: George Kuss (medicina sanitária) que deu curso no Instituto de Higiene; Alexandre Manduit (eletrotécnica), na Escola Politécnica; Henri Laugier, (fisiologia) na Faculdade de Medicina. Este último conferencista merece um registro adicional às informações de Petitjean: Laugier presidia, no ano em que veio a São Paulo, a *Association des Compagnons de l'Université Nouvelle*, orga-

¹⁸ *Idem, ibidem.9-13*

¹⁹ Patrick.Petitjean "Autour de la mission française pour la création de l'Université de São Paulo(1934)". In *Science and Empires. Historical Studies about Scientific Development and European Expansion*, ed. Patrick Petitjean et alii., (Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 1992).

nização que, abraçando a bandeira da escola única, teve um papel central na campanha por uma reforma de conjunto da organização escolar francesa, participando, ao lado de sindicatos, partidos políticos e outras associações, das instâncias nas quais se elaboraram progressivamente os compromissos entre os diferentes interesses em jogo.²⁰

A demanda paulista dirigida a Dumas, informa Petitjean, era a de que quatro professores viessem a cada ano para as seguintes especialidades: medicina, higiene, pedagogia e ciências naturais. É respondendo a uma dessas demandas que Fauconnet vem a São Paulo, em 1927. Mas, desde 1926, outros conferencistas franceses continuam a chegar a São Paulo de passagem, convidados para Buenos Aires e para o Rio de Janeiro.

Apesar da variação de nomenclatura e da transitoriedade das instituições criadas, os visitantes envolvidos gravitam em torno de alguns poucos personagens: de um lado, Dumas e sua rede de relações na França (de resto também pouco institucionalizadas, segundo Petitjean); de outro, personagens que, como evidencia Limongi²¹, constituíam o “círculo de educadores, editores e escritores que giravam em torno da empresa jornalística *O Estado de São Paulo*”. Articulado em torno de Júlio de Mesquita Filho, diretor proprietário do jornal *O Estado de São Paulo*, esse círculo se constituiu tomando iniciativas políticas e culturais, como a organização da Liga Nacionalista de São Paulo, da Sociedade de Educação, do Partido Democrático, e a fundação da Universidade de São Paulo. Nesse círculo, ocuparam posições de considerável importância pelo menos oito dos signatários do Manifesto: Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo, Sampaio Dória, Lourenço Filho, Raul Briquet, Roldão Lopes de Barros, Noemy Silveira e Almeida Junior. E é nesse mesmo círculo que se desenha outra rede de relações: a que articula Fernando de Azevedo e Lourenço Filho a Fauconnet e Piéron, dirigentes, como se verá, do Grupo Francês da Educação Nova.

Essa rede de relações começa a ganhar nitidez a partir das informações reunidas por Fernando Limongi sobre a composição do círculo de educadores envolvidos na fundação da Universidade de São Paulo. Elas põem em cena Lourenço Filho, trazendo um depoimento seu em que, falando das visitas de Dumas a São Paulo, refere a Escola Normal como centro de algumas de suas palestras e a redação do jornal *O Estado de São Paulo* como sendo o “local de conversas menos formais sobre cultura”. Essas conversas funcionavam — diz Lourenço — como “um pequeno seminário de debates sobre a vida social, política, literária e científica.” Na redação do jornal “se reuniam à tarde e à noite, como num clube de cultura, professores de escolas superiores, profissionais liberais, em geral colaboradores do jornal e mesmo redatores de outros periódicos”.²²

²⁰ Cf. Jean-Pierre Briand e Jean-Michel Chapoulié. *Les Collèges du peuple. L'enseignement primaire supérieur et le développement de la scolarité prolongée sous la IIIe République*. (Fontenay-Saint Cloud: CNRS, INRP, ENS, 1992), 407.

²¹ Fernando Limongi “Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo”. In *História das Ciências Sociais no Brasil I*, ed. Sergio Miceli (São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989), 112.

²² Manoel B. Lourenço Filho. “Depoimento a Heládio Antunha”, *apud* Fernando Limongi, *ibidem*, 1989, 112 - 146.

Lourenço Filho começa a trabalhar no jornal *O Estado de São Paulo* em 1919, passando, a partir de então, a conviver com Júlio de Mesquita, Júlio de Mesquita Filho e outros redatores, repórteres e colaboradores. Ao longo de sua trajetória nas décadas de 1910 e 1920, sedimenta laços de amizade e de parceria profissional com Almeida Junior e Sampaio Dória, que foram, inicialmente, seus professores e, mais tarde, seriam seus sócios no Liceu Nacional Rio Branco, onde Lourenço organizou classes experimentais pautadas em preceitos escolanovistas. Nesse empreendimento, estará também associado a Rolândo Lopes de Barros, que havia sido seu aluno na Escola Normal. Todos eles pertenceram aos quadros da Sociedade de Educação, entidade que congregava uma parcela influente de educadores paulistas. Por ocasião das conferências de Piéron e Fauconnet na Escola Normal, Lourenço é o professor de Psicologia e Pedagogia dessa instituição. Após a visita de Piéron, e motivado, talvez, por ela, reabre, reequipado, o Laboratório de Psicologia Experimental, substituindo as “velhas máquinas emprestáveis” referidas por Cruz Costa. No Laboratório contará com a colaboração de Noemy Silveira. Ainda em 1927, começa a organizar, para a Companhia Melhoramentos, a coleção Biblioteca de Educação, cujo primeiro volume é um livro de Piéron, *Psicologia Experimental*²³. Em 27 de outubro de 1930, algumas semanas após a ascensão de Getúlio Vargas ao Governo Federal, assume o posto de Diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo. Cria então o Serviço de Psicologia Aplicada, onde contará com a colaboração de Noemy Silveira.

Mas é a visita de Fauconnet, em 1927, que parece ter produzido laços mais estreitos e estáveis com Azevedo e Lourenço Filho. A intensidade desses laços pode também ser medida pela frequência e pela quantidade de artigos de sua autoria publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, muitos deles transcritos na revista *Educação*. Petitjean informa que, de 1928 a 1930, Fauconnet publica uma vintena de artigos por ano nas páginas do jornal.²⁴ A revista *Educação*, de cuja Comissão de Redação participa Lourenço Filho, transcreve, na seção *Através de Revistas e Jornais*, alguns desses artigos. A partir dessas descrições evidencia-se que a colaboração de Fauconnet no jornal prolongou-se até pelo menos 1932. Em 1927, a revista publica, na forma de artigo, texto de conferência proferida por Fauconnet na Sociedade de Educação, em setembro desse ano.²⁵ A conferência dá índices acerca da natureza das relações de Fauconnet com o público que assistia a ela. Dirigindo-se a ele, Fauconnet não somente se evidencia informado sobre questões relativas à situação educacional paulista, como dá vários índices de que as informações de que dispunha eram provenientes de seus contatos pessoais em São Paulo. Chega mesmo a falar de “alguns amigos”, aos quais já teria manifestado a sua disposição de fazer um estudo “do problema de cultura particular de São Paulo”, trazendo a sua “pequena contribuição” para a questão que sabia estar “na ordem do dia”: “a organização de uma universidade” (Fauconnet, 1927, p. 114).

²³ De 1927 a 1930, a coleção dirigida por Lourenço Filho publica 12 títulos, 7 dos quais traduções. Entre estas, destaque *Psicologia Experimental*, de Henri Piéron, e *A lei biogenética e a escola ativa*, de Adolphe Ferrière.

²⁴ Patrick Petitjean, *op.cit.* 344.

²⁵ Paul Fauconnet. “Estrutura e Organização das Universidades Francesas”, *Educação* 1-2 (1927):113-126.

Citando matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 28 de setembro de 1927, Limongi informa que Fauconnet ministrou conferências públicas “durante cerca de dois meses na Escola Normal da Praça, sob os auspícios do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura”. Além dessas conferências, “o eminente sociólogo manteve palestras semanais de consulta e discussão, sobre assuntos educativos com os professores desse estabelecimento de ensino”. Por ocasião de homenagem que a instituição lhe prestou, Fauconnet foi “saudado por Lourenço Filho que o brindou com livros de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana”.²⁶

Do circuito mais restrito das relações de amizade que Fauconnet estabeleceu em São Paulo participou também, muito provavelmente, Fernando de Azevedo, cujas ligações com o jornal *O Estado de São Paulo* são bastante conhecidas. Na própria avaliação de Azevedo, é o prestígio que lhe confere a condução do Inquérito sobre a Instrução Pública paulista nas páginas do jornal que o credencia para ocupar, convidado por Antonio Prado Junior, o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal²⁷. Azevedo talvez não tenha feito parte da seleta audiência dos Cursos de Conferências de que se recorda Cruz Costa, na medida em que, de 1927 a 1930, está ausente de São Paulo, no Rio de Janeiro, absorvido pelo tumultuado processo de aprovação e implantação da Reforma da Instrução Pública. Mas, mesmo que não tenha conhecido pessoalmente Fauconnet, Azevedo foi um leitor atento das obras desse discípulo de Durkheim, a quem se deve a publicação póstuma dos livros deste sobre educação. Segundo Maria Rita de Almeida Toledo, Fauconnet e Durkheim são os autores que desenham os contornos do programa metodológico da obra de Azevedo, *A Cultura Brasileira*. Segundo Toledo, Azevedo teria ido buscar apoio em Fauconnet para “articular os conceitos de civilização e cultura, para introduzir o conceito de educação e articulá-lo ao de cultura, assim como para demonstrar a fertilidade do estudo da cultura realizado a partir da educação”.²⁸

O Grupo Francês de Educação Nova (GFEN) e o Congresso de Nice

Em artigo que faz uma espécie de balanço do movimento pedagógico da primeira metade do século XX, Freinet avalia que a ação da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* havia sido drasticamente reduzida por ela não ter querido ou não ter podido reconhecer “o aporte excepcional da pedagogia soviética”. Lastimando que a Liga não tivesse correspondido às esperanças nela depositadas, atribui o fato ao enfraquecimento do Grupo Francês de Educação Nova, a que ele próprio se aliara nos anos 1930. É assim que, isolado na Liga, e não conseguindo enraizar-se nos núcleos departamentais por todo o país, o GFEN perde espaço na França para outras organizações.²⁹

²⁶ Fernando Limongi, op. cit., 147

²⁷ Fernando de Azevedo, *A Educação Pública em São Paulo. Problemas e discussões*. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937) XXVI.

²⁸ Maria Rita de A. Toledo. *Fernando de Azevedo e a cultura brasileira ou As Aventuras e Desventuras do Criador e da Criatura* (São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995), 138.

²⁹ Celestin Freinet. “Coup d’oeil pédagogique sur le demi siècle qui finit”, *L'Éducateur* 7 (1950), 149-150.

Mas, no início dos anos 1930, o Grupo Francês de Educação Nova está em pleno apogeu, fortalecido que foi pelas deliberações tomadas no Congresso de Elsenor. Tendo sido encarregado da organização do Congresso de Nice, o GFEN estreita ainda mais os laços com organizações francesas de objetivos similares. Segundo histórico publicado na revista *Pour l'Ère Nouvelle*, em 1938³⁰, a preparação desse Congresso foi ocasião e instrumento de um intenso esforço de propaganda nas diversas regiões da França por meio de inúmeras sessões de trabalho, desencadeando formas de colaboração "com os grupos cuja ação se exercia, parcial ou completamente, na mesma direção que o seu"; grupos com os quais as oportunidades de colaboração foram numerosas. As relações estabelecidas foram, então, ainda segundo o mesmo histórico, "particularmente ativas e cordiais com os membros de *La Nouvelle Éducation*, do *Bureau Français d'Éducation*, da *Société de Pédagogie*, dos "*Compagnons de l'Université Nouvelle*", (...) do *L'Imprimerie à l'École*" e mais alguns outros.

Em artigo publicado em dezembro de 1929 no jornal *O Estado de São Paulo* e transcrito, em março do ano seguinte, na revista *Educação*, Fauconnet observava que o Congresso de Elsenor tivera pouca participação francesa. O grupo francês que ele então dirigia não era - dizia - ainda nem "muito numeroso, nem muito ativo". Além disso, o GFEN vinha "guardando uma prudente reserva em matéria pedagógica", preocupando-se menos "com os problemas psicológicos (estudo da criança, métodos de ensino)", como os de que tratava "com predileção a Liga, do que com os problemas de política escolar (escola única e questões conexas) com os quais por várias vezes" já havia ele entretido os seus leitores brasileiros. A realização do congresso seguinte, em Nice, deveria mudar essa situação. Como os seus compatriotas se interessavam "por tudo o que diz respeito à educação", era previsível que o congresso seguinte contasse com presença majoritária de franceses. Seria uma excelente oportunidade, concluía, "para confrontar com as ideias francesas" as "inspirações" do movimento que, até então, pareciam-lhe vir predominantemente de países não latinos.³¹

A previsão de Fauconnet realizou-se. No Congresso de Nice, a presença dos franceses foi marcante, o que pôs em evidência as diferenças de orientação que o movimento da Liga abrigava. Comentando-as na revista *Pour l'Ère Nouvelle*, Ferrière chega a dizer, em tom de brincadeira, que, devido à barreira da língua, o evento havia abrigado três congressos paralelos: um inglês, outro francês e ainda um outro, alemão. A barreira da língua tinha, do seu ponto de vista, consequências mais amplas: os anglo-saxões mantinham, a respeito dos mais importantes movimentos pedagógicos da Europa continental, uma ignorância estupefaciente. Mas não eram apenas barreiras linguísticas que diferenciavam as posições dos congressistas. Havia entre eles — dizia - divergências em pelo menos três domínios: o da ciência psicológica, o da religião e o da prática pedagógica. Os franceses haviam marcado a sua diferença nos dois primeiros desses domínios. Embora,

³⁰ Paul Langevin *et alii*. "Le Groupe Français d'Éducation Nouvelle et La Revue 'Pour l'Ère Nouvelle' ". *Pour l'Ère Nouvelle* 135 (1938) 39-70.

³¹ Paul Fauconnet. "O Congresso de Elsenor", *Educação* X, 3 (1930) 332-333.

infe-re-se, Ferrière se sentisse especialmente visado no campo religioso, é no domínio da psicologia que as divergências parecem tê-lo incomodado mais. Diz ele:

Fora da França a totalidade dos pedagogos admite a lei biogenética: paralelismo aproximativo entre o desenvolvimento da criança e o da raça. Freud, C. G. Jung, etc, falam correntemente de arqueop-siquismo. Ora, a tradição científica filha do materialismo de 1850 não encontrou nada paralelo sob o seu microscópio. Portanto, ela nega esse paralelismo. (.....) No Congresso, M. Wallon – um de nossos ‘campeões’ mais argutos e o mais à esquerda no domínio das ideias (influência de sua visita à U.R.S.S.?) a qualificou de ilusão.³²

O tema central do Congresso que, como se viu, punha em cena a relação entre educação e sociedade, já demarcava uma diferença de orientação, marcando distância com relação aos temários dos Congressos precedentes. Escolhido pelo Grupo Francês de Educação Nova, o tema já sinalizava para uma mudança de orientação. Expressa pelo presidente do Congresso, Langevin, na Conferência com que abriu os trabalhos da 1ª Seção, “Educação Geral e Educação Profissional”, essa mudança de orientação tinha um perfil nítido: a íntima conexão entre o problema da educação e o problema da justiça social. Havia sido mesmo a consciência a respeito dessa íntima conexão que havia -diz Langevin - determinado a escolha, pelo grupo francês, do tema central do Congresso. A Conferência de Langevin e a participação concentrada dos dirigentes do G.F.E.N, Piéron e Wallon, na 1ª Seção, trouxeram para o coração do movimento o tema da articulação entre cultura geral e orientação profissional, um dos problemas considerados conexos à questão da escola única a que se referira Fauconnet. Estranho às outras orientações presentes na Liga, o tema punha em evidência os marcos que balizavam o interesse do GFEN no movimento pela escola nova. Os novos recursos que as novas orientações pedagógicas difundidas pela Liga tornavam disponíveis só teriam sentido na medida em que tornassem mais fácil o equacionamento de questões de justiça social.³³

A participação concentrada dos dirigentes do GFEN em uma Seção cujas discussões abordavam problemas de política escolar trazia para o centro dos debates as questões que Fauconnet dissera serem dominantes no movimento escolanovista francês: problemas de política escolar que abrangiam um conjunto de questões conexas à problemática da escola única. Pelo teor dessas falas, pelos temas que elegem e pelo tratamento que dão a eles, é possível identificar o que, nelas, corresponde ao âmago do que Fauconnet chamou de “questões conexas” ao problema da escola única: a redefinição dos termos da relação entre cultura geral e cultura profissional.

“O problema da cultura geral” foi o tema da Conferência de Langevin, “Cultura geral e orientação profissional”, o tema de Wallon³⁴, e “Como criar uma cultura adaptada à época moderna”, o de Piéron.³⁵ Todas essas falas deslocaram o eixo dos debates, não somente

³² Adolphe Ferrière. “En marge du Congrès”, *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932) 235.

³³ Cf. Paul Langevin “Le problème de la culture générale”, *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932) 239-245.

³⁴ Henri Wallon. “*Culture générale et orientation professionnelle*”, *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932) 245-252.

³⁵ Henri Piéron. “*Comment créer une culture adaptée à l'époque moderne*”, *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932): 265-269.

pelos temas de que trataram, mas também pelas novas referências teóricas e doutrinárias que traziam ao debate. Mas foi, sem dúvida, a conferência de Wallon a que de modo mais explícito e radical incidiu criticamente nos postulados da Liga. Ela punha por terra não somente o referido paralelismo entre desenvolvimento da espécie e desenvolvimento do indivíduo referido por Ferrière, como também criticava os fundamentos e os princípios que regiam a atuação da Liga. A Conferência punha em questão a efetividade política de uma campanha centrada apenas no respeito à natureza da criança, considerando-a insuficiente. A campanha era justa, ela havia sido até mesmo útil, em um primeiro momento, mas era necessário avançar. Tal avanço supunha a redefinição de um conceito chave: o de *aptidão*. Não era possível falar em aptidão pura. O conceito supunha a relação com um objeto determinado e esse objeto não poderia ser pensado transistoricamente.³⁶

A seção "Educação Geral e Educação Profissional" funcionou todas as manhãs, de 1 a 11 de agosto, e foi integrada por dez especialistas de diferentes nacionalidades: escoceses, belgas, japoneses, tchecos, alemães, franceses e um brasileiro: Lourenço Filho.³⁷

Os congressos promovidos pela Liga organizavam-se prevendo três tipos de atividade: grandes conferências, seções de estudo e cursos. Descrevendo-os, Ferrière dizia que se assemelhavam mais a cursos de férias que propriamente a Congressos e que as discussões, introduzidas por especialistas, eram a parte mais interessante do evento. As grandes conferências eram precedidas por peças de música vocal ou instrumental e a elas se seguiam as sessões de estudo. Elas eram temáticas e contavam com a participação de especialistas de diferentes países, que deveriam inscrever-se previamente, de modo que um resumo do trabalho de cada um pudesse ser distribuído com antecedência para os participantes.

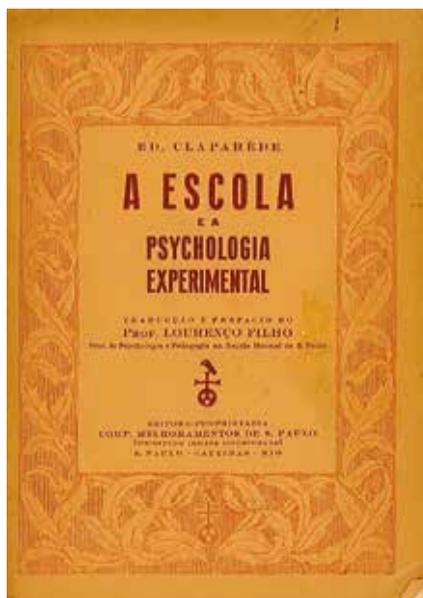
Não é o caso, aqui, de nomear todos os especialistas inscritos na sessão "Educação Geral e Educação Profissional". Mas é preciso registrar que, entre os especialistas franceses que a compõem, está, ao lado de Piéron e Wallon, Laugier, o então presidente da combativa associação que vinha, desde a década anterior, liderando o movimento pela escola única na França: os *Compagnons de l'Université Nouvelle*.³⁸

Teria Lourenço Filho efetivamente comparecido ao Congresso? Embora seja interessante saber se ele esteve efetivamente presente e qual o teor de sua provável intervenção, a sua simples inscrição na 1ª Seção do Congresso traz elementos para uma reflexão sobre o seu lugar de inserção no movimento internacional pela Escola Nova. Dado o perfil de Lourenço, a escolha da seção não parece ter sido fruto de ausência de outra opção, na medida em que também havia no Congresso uma seção de Psicologia

³⁶ Cf. Henri Wallon *op.cit.* 248.

³⁷ O nome "Filho" consta como integrante dessa Seção na programação do Congresso divulgada na primeira página do número de junho de 1932 da revista *Pour l'Ère Nouvelle*.

³⁸ Como se viu, Laugier foi um dos professores visitantes que esteve também em São Paulo, trazido por Dumas, para conferências de fisiologia na Faculdade de Medicina, em 1925. Sobre os *Compagnons*, ver Olivier Loubes, *L'École et la Patrie, Histoire d'un déchantement*. 1914-1940 (Paris, Belin, 2001); Jean-Pierre Briand e Jean-Michel Chapoulie, *op.cit.*



Mercé aos intercâmbios e viaxes dos pedagogos brasileiros, os textos dos autores da Nova Educação editáronse no Brasil desde os anos trinta. Aquí, un dos textos de Claparède, introducido por Lourenço Filho.

da Criança. Além disso, tratou-se de escolha informada, já que ele certamente dispunha de informações privilegiadas sobre o movimento, devido a seus contatos pessoais com Fauconnet e Piéron e ao acesso que teve aos artigos que o primeiro publicou no Brasil, parte deles transcrita em revista de cuja Comissão Editorial fazia parte. Esses elementos apontam para o enraizamento de suas preocupações escolanovistas — como os testes, a orientação profissional e a psicologia — na vertente francesa desse movimento e, por essa via, para sua inserção no debate em torno do tema da escola única.

Mas que extensão teria esse enraizamento? Estaria Lourenço Filho de algum modo partilhando concepções de Langevin, Wallon, Piéron ou Laugier? Qual a sua posição face às divergências que se manifestaram no Congresso de Nice?

Nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, Fauconnet publica um elogioso artigo sobre o livro de Lourenço Filho, *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, editado alguns meses depois do Congresso de Elsenor e alguns anos antes do Congresso de Nice. O artigo será posteriormente incorporado ao livro, como espécie de apresentação. Nele, Fauconnet corrige o que lhe parece serem algumas distorções na compreensão de Lourenço sobre o movimento escolanovista. Depois de referir-se à definição de *escola nova*, apresentada na 1ª lição do livro, Fauconnet afirma:

A essa definição, eu faria apenas um reparo: uma síntese muito ampla, ela quer generosamente englobar a generalidade das tendências de reforma escolar, que hoje observamos em todo o mundo.

Por exemplo, a reivindicação propriamente francesa da 'Escola Única' não me parece ter ligação com o movimento da Escola Nova. Confesso também que a filosofia que o sr. Lourenço Filho chama de 'neovitalista' não me parece ter contribuído, tanto quanto afirma, para orientar a pedagogia nova, que eu julgo independente de toda e qualquer filosofia particular, mais do que isso, conciliável com os mais diversos e mesmo mais opostos sistemas.³⁹

As críticas de Fauconnet sobre a inclusão da "reivindicação propriamente francesa da 'Escola Única'" ao movimento da Escola Nova parecem retomar o que ele próprio afirmara, alguns meses antes, em artigo já referido aqui, sobre a prudente reserva em matéria pedagógica que o grupo francês no seu entender guardava, até então, com relação às tendências predominantes na Liga. O modo pelo qual, no livro, Lourenço Filho traz a questão da escola única para o centro do movimento, apresentando-a como a primeira de suas conseqüências, deve ter provocado as críticas de Fauconnet sobre a impropriedade da inclusão feita. Tal inclusão deve ter-lhe parecido problemática por duas razões: pelo tratamento que o livro dá ao tema e pela importância que o livro confere ao que chama de "filosofia neovitalista", na configuração do perfil do movimento. Em ambos os casos, era a própria imagem do grupo francês que aparecia distorcida: o envolvimento do grupo com a campanha pela escola única na França via-se reduzido, no livro, a uma questão restrita "às velhas nações da Europa"; além disso, na medida em que era uma seção da Liga, o grupo via-se, à sua revelia, engolfado pelo que Lourenço Filho chamava "filosofia neovitalista".

Fauconnet faz ainda mais alguns reparos ao livro de Lourenço Filho, referindo-se, inicialmente, a "dois pontos importantes" sobre os quais o "pedagogo brasileiro" não lhe parecia ter insistido suficientemente. Lourenço Filho— diz - deveria ter apontado para os riscos que o anti-intelectualismo da escola nova representava para os "interesses da cultura desinteressada". Além disso, o livro deveria ter marcado mais a influência das "filosofias aparentadas com o pragmatismo americano" no movimento, filosofia essa, de resto, acrescentava, muito ao gosto dos franceses.⁴⁰

Uma última crítica integrava, ainda, o rol dos reparos feitos por Fauconnet ao livro. Essa crítica é, aqui, especialmente relevante, pois explicita uma das principais divergências do grupo francês relativamente às orientações até então dominantes na Liga. Diz Fauconnet:

Outro dogma essencial da Escola nova é o do respeito devido à liberdade da criança. A educação tradicional tinha a pretensão, talvez abusiva, de 'formar a criança'. Atualmente não se quer senão que a criança 'cresça', que seu desenvolvimento espontâneo seja favorecido, num meio apropriado. Praticamente, aí está uma tendência excelente, que não posso deixar de aplaudir. mas, teoricamente, a 'mística' da liberdade da criança tem os defeitos de todos os princípios místicos. De onde vem essa mística, que é incontestavelmente um dos pontos principais dessa nova pedagogia? Lamento que o sr. Lourenço Filho não tenha abordado mais esse problema, tão interessante".⁴¹

³⁹ Paul Fauconnet. "Apresentação", 1930. In *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, Manoel Bergstrom Lourenço Filho (São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/d) XI-XIV.

⁴⁰ *idem, ibidem*.

⁴¹ *Idem, ibidem*.

A oposição entre tendências místicas e racionalistas foi, na percepção dos participantes do Congresso de Nice, uma das linhas divisórias que demarcou a diversidade de posições que se manifestaram no evento. No parecer de um deles, tal foi o grau de divergência nesse evento que, no seu parecer, o Congresso seguinte deveria aprofundar os debates, examinando as questões à luz do problema da psicologia dos povos. Para alguns militantes da Liga, como Fauconnet, que já falavam das divisões existentes no movimento em período anterior à realização do Congresso, a clivagem era de natureza conceitual, incidindo sobre concepções de infância, de cultura e de educação. No centro da clivagem, está a oposição dos conceitos de “desenvolvimento” e de “iniciação”. Apropriando-se dessa oposição, Fernando de Azevedo, referindo Fauconnet, diz que a infância não é apenas “desenvolvimento”, é também uma ‘iniciação’. Seria necessário que a criança fosse “penetrando pouco a pouco em uma civilização que ela encontra já feita. Esta penetração é laboriosa. De certo modo toda iniciação é uma violência feita à natureza da criança ou do adolescente”.⁴²

Evidenciando relação de proximidade intelectual com Fauconnet, Azevedo utiliza conceitos do sociólogo francês para distinguir dois sentidos de *educação nova*, optando pela acepção por esse defendida: nessa acepção, a educação nova poria o acento “exatamente na iniciação e não no desenvolvimento (...) procurando não só compreender as necessidades do indivíduo através das da comunidade senão também organizar a escola como uma comunidade de vida”.⁴³

Os laços criados entre Fernando de Azevedo e membros do GFEN ficam também evidentes na relação editor-autor que se estabelece entre o primeiro e Piéron e Wallon. Como editor da coleção *Atualidades Pedagógicas* para a Companhia Editora Nacional, Azevedo publica, em 1935, com tiragens de 3000 exemplares, um livro de Piéron, *Psicologia do comportamento*, e outro de Wallon, *Princípios de psicologia aplicada*. Estavam programados na coleção dois livros de Ferrière, *Autonomia dos escolares* e *A Escola Nova na América Latina*. Eles saem, entretanto, da lista de futuras publicações em 1935.⁴⁴

Mas é exatamente a presença de Laugier entre os especialistas franceses que participaram da seção em que Lourenço se inscreveu que pode nos levar a mais uma das perguntas deste texto. Teria tido Fernando de Azevedo acesso, para redigir o Manifesto, a informações sobre a *Association des Compagnons de l'Université Nouvelle*? Essa associação recebeu tratamento diferenciado na revista *Pour l'Ère Nouvelle*, tendo suas iniciativas e suas bandeiras de luta bastante divulgadas pelo periódico. Essa revista não era, entretanto, a única fonte na qual Azevedo pode ter obtido informações sobre o plano de organização do ensino francês que essa associação defendeu. Além de muitas outras possibilidades - (pense-se nas relações de Azevedo com Fauconnet; na visita de Laugier

⁴² Fernando de Azevedo. *A Cultura Brasileira* (Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963), 671.

⁴³ *Idem, ibidem*.

⁴⁴ Agradeço a Maria Rita de Almeida Toledo por essas informações. Cf, a respeito, Maria Rita de A Toledo. *Coleção Atualidades Pedagógicas. Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020) 424.

a São Paulo, trazido por Dumas; no acompanhamento que o jornal *O Estado de São Paulo* fazia dos debates franceses sobre assunto tão polêmico; nos artigos que os visitantes franceses publicaram no mesmo jornal)- estão os documentos publicados pelos *Compagnons* em forma de livro⁴⁵ e a revista por eles publicada, *l' Université Nouvelle*. Caso Azevedo tenha tido a oportunidade de ler essas publicações, teria tido a possibilidade de nelas encontrar todas as tópicas que estruturaram o Manifesto.

Não há espaço neste artigo para comparar os textos produzidos pelos participantes da *Association des Compagnons de l'Université Nouvelle* ao Manifesto. Mas deixo aqui essa indicação para futuras explorações, tal o grau de similaridade entre ambos⁴⁶. Espero que este artigo tenha feito o mais difícil: evidenciar que essa comparação é pertinente, porque materialmente sustentada por redes de relações pessoais e institucionais que configuram um circuito de circulação de modelos e de objetos culturais.

Uma última questão. Não é de todo impossível que a provável intervenção de Lourenço Filho no Congresso de Nice tenha sido pautada no *Manifesto*, já que Lourenço era um de seus signatários e que o evento foi realizado alguns meses depois de seu lançamento. Nesse caso, sua fala não destoaria das preocupações de seus companheiros franceses de Seção. No entanto, essa hipótese se fragiliza, a julgar pelo que Lourenço escreveu sobre escola única, alguns anos antes, em sua *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. O livro trata, como se viu, da *escola única* como problema restrito às "velhas nações da Europa". Nessas nações de "tradições aristocráticas", a questão da *escola única* se impunha devido à existência de "duas organizações de ensino oficial paralelas". No Brasil, ao contrário, as escolas não distinguem as crianças "pelo seu nascimento, raça, cor, profissão dos pais, nacionalidade ou religião" e, por isso, como em todos os países da América, "a questão da escola única era inexistente".⁴⁷

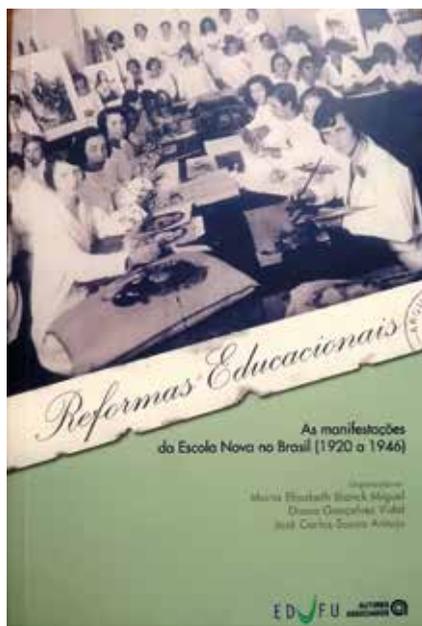
A compreensão de Lourenço Filho é, no mínimo, curiosa, se contrastada com a que figura nos textos em que Fernando de Azevedo justifica a Reforma de 1928⁴⁸ e se comparada com a formulação que o *Manifesto* dar à questão, alguns poucos anos depois. Somente na quinta edição do livro, publicada em 1942, o assunto merece algum reparo. Lourenço Filho não altera o texto, porém, contentando-se em adicionar-lhe uma nota explicativa. A nota é, aliás, muito pouco elucidativa, limitando-se a afirmar que "a situação antes referida" havia sido modificada em muitos pontos, como resultado do "aproveitamento da escola, como instrumento de reforma política, nos últimos anos". Mas ela diz muito sobre os posicionamentos políticos de Lourenço: citando, indiscriminadamente, a Itália, a Alemanha, a Rússia e "ainda outros países" como exemplos de nações que teriam

⁴⁵ Laugier et alii. *Les compagnons: l' Université Nouvelle, I: Les principes; II: Les applications de la doctrine* (Paris, Librairie Fischbacher, 1918 et 1919).

⁴⁶ Agradeço a Pierre Caspard que, em conversa sobre a pesquisa que eu vinha realizando na Biblioteca do INRP, sugeriu-me a consulta da revista *L'Université Nouvelle, órgão dos Compagnons de l' Université Nouvelle*.

⁴⁷ Manoel Bergstrom Lourenço Filho. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. (São Paulo: Companhia Melhoramentos s/d), 23.

⁴⁸ Fernando de Azevedo. *Novos Caminhos e Novos Fins*. (São Paulo: Companhia Editora Nacional 1931): 30.



A partir dos traballos pioneiros nos que entreviu a profesora Marta de Carvalho, as investigacións sobre as relacións entre a pedagogía no Brasil e as correntes pedagóxicas internacionais vén sendo fértil campo de coñecemento.

usado a escola como “instrumento de reforma política”, ele nada diz sobre as diferenzas políticas existentes nos usos referidos, acrescentando apenas que a “tendência geral” neles manifesta apontava “para a unicidade da escola no sentido de oportunidades iguais de educación para todos”.⁴⁹

Referências bibliográficas

Azevedo, Fernando de *et alii*. *A Reconstrução Educacional no Brasil. Ao povo e ao governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932

Azevedo, Fernando de. *A Instrução Pública no Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Mendonça & Machado, 1927.

Azevedo, Fernando de. *Novos Caminhos e Novos Fins*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

⁴⁹ Manoel Bergstrom Lourenço Filho, *op.cit.* 24.

- Azevedo, Fernando de. "L'École nouvelle et la réforme. Introduction aux programmes des écoles primaires du Brésil." *Pour L'Ère Nouvelle*, 67 (1931), 90- 95.
- Azevedo, Fernando, *A Cultura Brasileira*, Brasília: Editora da Universidade de Brasília 1963.
- Azevedo, Fernando, *A Educação Pública em São Paulo. Problemas e discussões*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- Briand, Jean-Pierre e Chapoulie, Jean-Michel. *Les Collèges du peuple. L'enseignement primaire supérieur et le développement de la scolarité prolongée sous la IIIe République*. Fontenay-Saint-Cloud: CNRS, INRP, ENS, 1992.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de: "O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova. In *Manifesto dos Pioneiros da Educação. Um legado educacional em debate*, ed. Maria do Carmo Xavier 147-182 Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: FGV/ FUMEC, 2004
- Carvalho, Marta Maria Chagas de. *Molde Nacional e Fôrma Cívica. Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, EDUSF, 1998.
- Cruz Costa, João. "Os Antigos Cursos de Conferências. A contribuição francesa nos primórdios da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras". *Filosofia, Ciências e Letras*, 9 (1945) 9-13.
- Fauconnet, Paul. "Estrutura e Organização das Universidades Francesas", *Educação* 1,2 (1927), 113-126.
- Fauconnet, Paul. "Apresentação", 1930. In Lourenço Filho. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*". São Paulo, Melhoramentos, XI, s/d.
- Ferrière, Adolphe. - "L'Éducation Nouvelle au Brésil". *Pour L'Ère Nouvelle*, 85-90.
- Ferrière, Adolphe. "En marge du Congrès", *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932), 235-237.
- Freinet, Celestin. "Coup d'oeil pédagogique sur le demi-siècle qui finit". *L'Éducateur*. 7 (1950).
- Langevin, Paul. "Le problème de la culture générale", *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932) 239-245.
- Langevin Paul *et alii*. "Le Groupe Français d'Éducation Nouvelle et La Révue ' Pour l'Ère Nouvelle' ". *Pour l'Ère Nouvelle* 135 (1938) 39-70

- Laugier, H. *et alii. Les compagnons: L'Université Nouvelle, I: Les principes; II: Les applications de la doctrine.* Paris, Librairie Fisbacher, 1918 e 1919.
- Limongi, Fernando. "Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo". In *História das Ciências Sociais no Brasil 1*. Org. por Sergio Miceli. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais : IDESP 1989.
- Loubes, Olivier. *L'École et la Patrie. Histoire d'un désenchantement 1914-1940.* Paris: Belin 2001.
- Lourenço Filho, Manoel B. "A 'Escola Nova'". In *Educação* 8 (1929) 293-301.
- Lourenço Filho, Manoel B. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 5 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/d.
- Petitjean, Patrick. "Autour de la mission française pour la création de l'Université de São Paulo (1934)". In *Science and Empires. Historical Studies about Scientific Development and European Expansion*, Petitjean, Patrick. Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Publishers, 1992.
- Piéron, Henri "Comment créer une culture adaptée à l'époque moderne", *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932):265-269.
- Pour l'Ère Nouvelle (Revue Internationale d'Éducation Nouvelle)*, Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle. Paris.
- Teixeira, Anísio, "Licínio Cardoso". In *A Tarde*. Salvador, 22 de maio de 1930.
- Toledo, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as Aventuras e Desventuras do Criador e da Criatura.* São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.
- Toledo, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981).* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.
- Wallon, Henri. "Culture générale et orientation professionnelle", *Pour l'Ère Nouvelle* 81 (1932): 245- 252.